

Empreendedorismo feminino sob três epistemologias distintas: revisão sistemática qualitativa da literatura

Female entrepreneurship under different theoretical approaches: qualitative systematic literature review

(Joicele dos Santos Fabrício - Universidade Positivo - joicefabricio37@gmail.com)

(Fabio Vizeu - Universidade Positivo - vizeu@up.edu.br)

(Jaiane Aparecida Pereira - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - profjaiane@yahoo.com.br)

Resumo

O objetivo deste trabalho foi analisar como os artigos sobre empreendedorismo feminino podem ser enquadrados considerando o olhar de três epistemologias distintas: a funcionalista, a fenomenológica e a teoria crítica, visando ampliar o debate sobre empreendedorismo e gênero. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática qualitativa da literatura na base de dados *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL), no período de 2012 a 2022. Após triagem, foram identificados 67 artigos, sendo 51 trabalhos categorizados como funcionalistas, quatro como de perspectiva fenomenológica, 10 artigos classificados como tendo feito uso da perspectiva crítica e dois não foram enquadrados nesta pesquisa porque fizeram uso de outras abordagens epistemológicas, como o pós-modernismo e a teoria sócio-histórica. Como resultados, foram percebidas algumas incongruências em diversos trabalhos, como o fato de se apresentar com uma epistemologia e se utilizar de ferramenta de outra. Essa questão talvez possa ser explicada pela hegemonia do funcionalismo, o que requer cuidado no desenvolvimento de trabalhos de outras perspectivas, como a fenomenologia e a teoria crítica, que são importantes para se superar as ausências epistemológicas. Neste contexto, ficam evidentes os equívocos epistemológicos e a necessidade de expandir os olhares para se superar certas lacunas analíticas. Sendo assim, conclui-se que as pesquisas no campo do empreendedorismo no que tange aos estudos de gênero, carecem de abordagens distintas da abordagem dominante, o que pode estar enviesando os achados amplamente aceitos pela comunidade acadêmica, destoando da realidade enfrentada pelas mulheres no mercado.

Palavras-Chave: Epistemologia; Gênero; Funcionalismo; Fenomenologia; Teoria Crítica.

Abstract

This paper aims to analyze how articles on female entrepreneurship can be framed considering the perspective of three different epistemologies: the functionalist, the phenomenological and the critical theory, aiming to broaden the debate on entrepreneurship and gender. Therefore, we made a qualitative systematic review of the literature using Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL) database, considering the period from 2012 to 2022. After screening, we identified 67 papers of which 51 papers were categorized as functionalist, four as phenomenological perspective, 10 papers were categorized as using critical perspective and two were not framed because they use other epistemological approaches such as postmodernism and socio-historical theory. As a result, some inconsistencies were still noticed in several works, such as the fact of presenting one epistemology and using the tools of another. This issue can perhaps be explained by the hegemony of functionalism, which requires care in the development of works from other perspectives, such as phenomenology and critical theory, which are important to overcome epistemological absences. In this context, epistemological mistakes, and the need to expand perspectives to overcome certain analytical gaps are evident. Thus, we concluded that research in the field of entrepreneurship in relation to gender studies lacks different approaches from the mainstream, which may distort the findings widely accepted by the academic community and destroy the reality faced by women in the marketplace.

Keywords: Epistemology; Gender; Functionalism; Phenomenology; Critical Theory.

Recebido em 29/07/2023

Revisado em 27/10/2023

Aceito em 27/03/2024



1. Introdução

O empreendedorismo praticado por mulheres tem se tornado foco de estudos cada vez mais frequente nas pesquisas em Ciências Sociais (Jennings & Brush, 2013; Gomes et al., 2014; Brush et al., 2020; Clercq & Brieger, 2022; Teixeira et al., 2023). Desde o ano 2000, para cada negócio aberto por um homem, abre-se 1,5 negócio por mulheres no mundo (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico [OECD], 2000). No Brasil, vem crescendo o número de empreendedoras ao longo do tempo. Segundo dados do Global Entrepreneurship Monitor [GEM], em 2019, praticamente não existiu diferença na taxa entre homens e mulheres quando se trata do estágio de empreendedorismo inicial, sendo 23,1% de mulheres e 23,5% de homens. Todavia, ao considerar a taxa de empreendedores estabelecidos, há uma grande diferença, sendo 18,4% do sexo masculino e 13,9% do sexo feminino (GEM, 2020), mostrando que ainda são necessários estudos para estimular a efetividade do empreendedorismo feminino.

A partir da proporção e do alcance que o empreendedorismo vem apresentando para a sociedade contemporânea, juntamente com a complexidade deste fenômeno social, reitera-se que o empreendedorismo precisa ser estudado de modo amplo, para que seja devidamente compreendido (Guimarães et al., 2021). Isto requer investigações com base em dimensões sociais capazes de revelar a complexa forma como o contexto social se articula na contemporaneidade. É assim que o valor do empreendedorismo está penetrando na sociedade e sendo profundamente assimilado, tornando-se presente em suas próprias realidades cotidianas (Boava & Macedo, 2017), na medida que se estabelece como um fenômeno social integrado com todos os desafios enfrentados pelo contexto social atual, como é o caso das questões de gênero.

O papel que as mulheres têm desempenhado no campo empreendedor justificam um olhar mais cuidadoso para este fenômeno, especialmente tendo em conta a insuficiência em retratar adequadamente as questões de gênero pelo paradigma dominante e a necessidade de analisar as consequências dessa ação para as próprias mulheres (Gomes et al., 2014; Versiani et al., 2021). Isto porque devemos considerar que a prática do empreendedorismo também é mediada pela mesma tensão das relações de gênero estabelecida pelos pressupostos tradicionais da sociedade. Os gêneros são um par de opostos que constituem uma relação de poder em que o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas (Bourdieu, 1999).

Diante deste contexto, especificamente nos estudos em empreendedorismo feminino, as bases epistemológicas que fundamentam este campo de investigação ainda não estão suficientemente elucidadas. Como assinala Norris (2007), toda boa teoria do conhecimento deve incluir uma explicação das virtudes epistêmicas que conduzem ao conhecimento e que capacitam investigadores a realizar sua tarefa com melhor perspectiva de sucesso. Neste contexto, discute-se que a ausência de uma reflexão epistemológica nos estudos do empreendedorismo dificulta que se avance no desenvolvimento de modelos teóricos e metodológicos capazes de dar conta dos desafios do empreendedorismo feminino.

Ressalta-se que a reflexão epistemológica se justifica pelo fato da natureza plural do tema. O empreendedorismo feminino é um fenômeno multifacetado, com importância histórica, social e econômica cada vez maior, devendo ser compreendido como campo polissêmico, pois analisá-lo sob as lentes de uma perspectiva teórica consiste em reducionismo (Guimarães et al., 2021). Aliado a isso, observa-se que as questões de gênero estão cada vez



mais presentes no debate acadêmico, inserindo elementos que desafiam o olhar hegemônico no campo.

Analisando as pesquisas brasileiras sobre empreendedorismo feminino, Gimenez et al. (2017) afirmam que a gênese destes estudos está associada principalmente à compreensão das motivações, dificuldades e percepções das mulheres sobre o exercício do papel empreendedor na sociedade e seus resultados, um viés presente até hoje. Diante de visão restrita do fenômeno, que desconsidera os pontos tratados por um olhar crítico e subjetivista da questão do gênero, acredita-se que não cabe mais olhar o empreendedorismo feminino apenas por uma única perspectiva – acrítica e objetivista – mas sim discuti-lo a partir de outras epistemologias que ampliem o debate sobre a relação entre empreendedorismo e gênero, revelando, por vezes, algumas contradições.

Diante do exposto, a questão de pesquisa que norteou o trabalho foi: como os artigos que tratam do empreendedorismo feminino têm sido enquadrados em termos epistemológicos? Neste contexto, o objetivo da pesquisa foi analisar como os artigos sobre empreendedorismo feminino podem ser enquadrados considerando o olhar de três epistemologias distintas: a funcionalista, a fenomenológica e a teoria crítica, visando ampliar o debate sobre empreendedorismo e gênero. Essas três correntes revelam aspectos complementares entre si e apresentam premissas que estão associadas ao empreendedorismo e às discussões de gênero, na medida em que, ora reforçam, ora revelam contradições, não apenas em relação ao sistema social e político vigente, mas principalmente em relação à própria condição da mulher neste sistema.

A perspectiva funcionalista foi escolhida por ser hegemônica nos estudos da área, as outras duas foram escolhidas como alternativas, por refletirem fundamentos mais subjetivistas e críticos, em contrapartida à epistemologia dominante. Gil e Moreira Silva (2015) revelam que o método fenomenológico apresenta grande potencial para o estudo do empreendedorismo. Para Jackson (2012), algumas teorias feministas, que são consideradas críticas, apontam que a subordinação das mulheres tem sido firmemente amarrada a sua menor capacidade de “falar”, podendo apontar como a questão de gênero no empreendedorismo é obscurecida pela visão epistemológica dominante, que não considera em nenhuma medida essas diferentes facetas do poder masculino culturalmente estabelecido.

Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática qualitativa da literatura na base de dados *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL). A busca foi realizada em dezembro de 2023 e considerou artigos publicados em periódicos de 2012 a 2022. Após triagem, foram identificados 67 artigos. Como resultados, foram percebidas algumas incongruências em diversos trabalhos, como o fato de se apresentar com uma epistemologia e se utilizar de ferramental de outra. Assim, como contribuições do trabalho para o campo dos estudos em empreendedorismo no Brasil, apresenta-se a necessidade de desenvolver pesquisas com outras perspectivas teóricas, principalmente no que tange ao fenômeno de gênero como elemento determinante do processo e dos resultados da atividade empreendedora desenvolvida por mulheres.

2. Breve Panorama das Pesquisas sobre Empreendedorismo Feminino



As primeiras pesquisas envolvendo mulheres com o tema empreendedorismo datam da década de 1970, sendo o primeiro artigo notável sobre o assunto escrito por Eleanor Brantley Schwartz em 1976, sendo intitulado ‘Empreendedorismo, uma Nova Fronteira Feminina’ (Schwartz, 1976; Greene et al., 2003). Neste trabalho, a autora buscava identificar características individuais, motivações e atitudes que mulheres empreendedoras têm em comum, concluindo que os motivadores primários para as mulheres eram a necessidade de realização pessoal, satisfação no trabalho, compensações econômicas e independência, os mesmos motivadores encontrados nos empreendedores homens (Greene et al., 2003).

Nos anos de 1990, as pesquisas desta temática acompanharam a tendência do campo e começaram a inserir novas categorias de análise, tais como: crescimento, direção estratégica, acesso a recursos e desempenho de novos negócios. Entretanto, passam a considerar tais variáveis de forma comparativa entre homens e mulheres, como Carter et al. (1997), que discutem como a escolha estratégica é moldada por experiências para as quais os indivíduos são sujeitos, onde mulheres e homens têm experiências de socialização diferentes. Outro estudo de escolha estratégica também assumia uma perspectiva comparativa entre o gênero masculino e feminino, apontando que as mulheres desenvolveram estratégias que enfatizavam mais frequentemente a qualidade do produto do que os homens e menos frequentemente customização ou eficiência de custo (Chaganti, 1997).

Ainda na década de 1990, começam a surgir alguns estudos que tratavam de identificar atitudes e características pessoais do empreendedor a partir do gênero, como Kalleberg e Leicht (1991), que analisavam a relação entre gênero e as características pessoais, escolha de indústria, escolha de estrutura organizacional, associando com outras condições que apontam para a capacidade de sobrevivência e sucesso do negócio. Esses autores sugerem que empresas conduzidas por mulheres não desistiam de atuar nessas atividades econômicas com maior frequência ou tinham menor êxito do que aquelas conduzidas por homens, sendo que esse viés não implicava em qualquer diferença no crescimento dos lucros, ou seja, tais diferenças não implicavam em menor ou maior desempenho em termos de empresas dirigidas por homens ou mulheres.

De acordo com revisão feita por Greene et al. (2003), ainda nos anos de 1990, diversos pesquisadores começam a assumir um olhar atento para a capacidade que as empreendedoras teriam em desenvolver competências humanas e assumir atitudes que seriam diferenciais para o sucesso empreendedor. É assim que tais estudos examinaram o impacto do capital humano, preferências de risco e características das operações das empresas na estrutura de capital de pequenas empresas comandadas por mulheres (Greene et al., 2003). Tal entendimento de que mulheres poderiam ser mais bem sucedidas como empreendedoras se manifestavam gradualmente em certos estudos, como de Haynes e Helms (2000), identificando que negócios pertencentes a mulheres que usavam empréstimos bancários como uma fonte primária de capital iniciante excediam em termos de desempenho aqueles que usavam fontes de recursos alternativas.

Este entendimento crescia nos estudos sobre empreendedorismo feminino e era ancorado na ideia de que havia características atitudinais comuns às mulheres que se associavam a competências empreendedoras fundamentais, especialmente aquelas relacionadas a aspectos humanos de relacionamento. Para Cliff (1998), as considerações pessoais pareciam anular as considerações econômicas na decisão de crescimento empresarial



de empreendedoras canadenses. O autor sugere que estas eram mais propensas a estabelecer empresas de maior tamanho possível, mas ainda assim menores do que as fixadas pelos empreendedores homens. Embora dispostas a ampliar seus negócios, elas se mostravam mais preocupadas com os riscos de um crescimento rápido e geralmente preferiam adotar taxas de crescimento mais lentas, revelando prudência (Cliff, 1998).

Em estudo sobre os artigos que trataram do empreendedorismo feminino entre 1982 e 2000, Ahl (2006) constatou que a produção acadêmica até então possuía algumas práticas discursivas que reproduziam a subordinação feminina, dando a ideia de que as mulheres desempenhavam um papel secundário e menos significativo do que os homens. Por esse motivo, a autora sugeriu que as pesquisas futuras deveriam ampliar o objeto de pesquisa e mudar a posição epistemológica.

O interesse comparativo entre empreendedores homens versus mulheres em termos globais de desenvolvimento de novos negócios começa a crescer a partir da compreensão de que o fenômeno do empreendedorismo é importante para se pensar políticas públicas de apoio e desenvolvimento econômico e social, bem como para o financiamento da atividade empreendedora. Sobre este aspecto, o Relatório GEM considera que, quanto à questão de gênero, a maior parte dos países apresenta uma supremacia masculina no desenvolvimento de novos empreendimentos, embora alguns venham apresentando taxas mais balanceadas, como Brasil e México (GEM, 2020).

Diante deste panorama, fica evidente um viés em questões mais funcionais e não necessariamente problematizadas a partir das questões levantadas pela perspectiva crítica das relações de gênero. Ahl e Marlow (2012), reiteram que as mulheres são posicionadas como homens carentes e incompletos nas pesquisas, o que exige o emprego da teoria feminista como um quadro analítico para demonstrar a reprodução dessa subordinação. Apesar disso, as autoras frisam que há poucas evidências de que isso venha ocorrendo.

Somente recentemente alguns pesquisadores têm procurado relacionar questões que ultrapassam a perspectiva funcional, como Costa et al. (2019), que afirmam que a simples presença da mulher em conselhos de empresas familiares não garante que ela terá influência nas decisões, isto porque sua vontade é dependente do contexto político dentro do qual as organizações operam. Lima et al. (2020), que tratam das barreiras da gestão feminina em uma empresa familiar a partir dos discursos. E outros estudos como o de Souza (2021) e de Souza e Dinis (2022), que utilizam teorias feministas para estudar o empreendedorismo por mulheres.

Reflexões como estas apontam que as barreiras para o crescimento das mulheres no contexto empreendedor, assim como na gestão de empresas, são inúmeras e de ordem subjetiva. Neste contexto, apesar dos avanços ao longo do tempo, observa-se a necessidade de pesquisas sobre o fenômeno estudado, indo além da perspectiva funcionalista. Para tanto, optamos por explorar os fundamentos epistemológicos de três correntes, a hegemônica no campo de estudos de administração e organizações – o funcionalismo – e outras duas que refletem fundamentos mais subjetivistas e críticos, a fenomenologia e a teoria crítica, respectivamente. Assim sendo, os próximos tópicos foram dedicados a descrever sinteticamente essas três epistemologias.



2.1. Perspectiva Funcionalista

Da mesma forma como ocorre nas demais áreas das Ciências Sociais Aplicadas, em especial, a Administração, os estudos sobre empreendedorismo feminino, via de regra, apresentam uma predominância do viés funcionalista. Isso porque os fundamentos desta epistemologia encontram-se ancorados na promessa iluminista da doutrina positivista, de que o pensamento social centrado no modelo de ciências naturais iria promover a ordem social e o progresso humano (Abbagnano, 2007). Ou seja, o funcionalismo surge como herança direta do positivismo, cujos pressupostos se assentam numa visão determinista de mundo. Por outro lado, as origens do positivismo remontam a princípios científicistas estabelecidos por Rene Descartes, passando por empiristas como Bacon, Lock e Hume. Mas é na sistematização da doutrina do francês Augusto Comte que os contornos desta concepção de ciência social positiva foram estabelecidos.

Comte (2000) concebe em sua doutrina a necessidade de aplicação dos métodos das ciências naturais e a precisão matemática aos fenômenos humanos e sociais. A sociologia positiva é, para esta corrente, o método específico de estudo da realidade humana e de se chegar à ‘verdade’ do fenômeno. Para o autor, ela deve ser estabelecida de forma isenta, partindo da premissa cartesiana da dúvida diante do senso comum e da transcendência filosófica, se apegando a objetividade fornecida pela sistematização da observação rigorosa do método de verificação empírica. A partir das bases positivistas que Émile Durkheim elabora seus estudos sobre o método sociológico, pensador este que é tido como o precursor do funcionalismo.

O funcionalismo foi a escola de antropologia dominante na Inglaterra durante a maior parte do século XX, e tem ligações metodológicas e filosóficas com a sociologia, tanto no Reino Unido quanto nos Estados Unidos (Angrosino, 2009). Conforme Malinowski (1970), o funcionalismo antropológico ocupa-se da compreensão da natureza dos fenômenos culturais, a partir da ideia de função: esta determina a forma e concebe o processo cultural como uma aparelhagem instrumental, cujos componentes são: artefatos, grupos organizados e a dinâmica simbólica.

A inspiração do funcionalismo da doutrina positivista se verifica pela influência direta das ciências biológicas enquanto referências analíticas. Angrosino (2009) aponta que o funcionalismo concebe a sociedade de modo análogo a um organismo biológico, com estruturas e funções paralelas às dos sistemas físico-orgânicos. Cada instituição social, tal como um órgão, tem uma função específica a desempenhar para manter vivo o organismo/sociedade inteiro, mas nenhum deles pode operar perfeitamente a menos que esteja corretamente conectado a todos os demais órgãos da instituição. Também em Radcliffe-Brown (1973), entende-se o conceito de função aplicado às estruturas sociais, por meio de uma analogia entre “vida social e vida orgânica”. Este autor vê a estrutura social, formada pelos seres humanos e suas atividades e inter-relações, em um todo integrado, e conceitua a vida social como o funcionamento da estrutura, dito de outra forma, a função da estrutura é manter a vida social.

A vertente sociológica do funcionalismo carrega os mesmos princípios sistêmicos da vertente antropológica. Neste sentido, para Durkheim (1978), o problema central das sociedades modernas é a relação entre os indivíduos e o grupo. Esta relação é complexa, pelo fato de que o homem se tomou por demais consciente de si mesmo para aceitar cegamente quaisquer imperativos sociais. Para o autor, tal individualismo pode levar a desordem, pois o



indivíduo pode exigir da coletividade mais do que ela pode dar, sendo preciso uma disciplina que só a sociedade pode impor.

Durkheim (1978), em seu livro “As Regras do Método Sociológico”, de 1895, esclarece que o objeto de estudo da Sociologia deve ser o fato social, pois ele deriva da vida em sociedade, que se caracteriza pelo conjunto de fatos sociais estabelecidos. Para o autor, fato social é toda “coisa” capaz de exercer algum tipo de coerção sobre o indivíduo, sendo este independente e exterior ao indivíduo e estabelecida em toda a sociedade.

Aron (2008), salienta que assim como a normalidade é definida pela generalidade, a explicação é definida pela causa. Para o autor, explicar um fenômeno social é identificar o fenômeno que o produz, uma vez estabelecida a causa de um fenômeno, pode-se procurar igualmente a função que exerce, a sua utilidade. As causas dos fenômenos sociais devem ser procuradas no meio social. É a estrutura da sociedade considerada que constitui a causa dos fenômenos que a sociologia quer explicar (Aron, 2008).

Para Angrosino (2009), uma última característica do funcionalismo é uma tendência ao equilíbrio. Nesta visão, as sociedades devem ser caracterizadas por harmonia e consistência interna; as perturbações ou anomalias são corrigidas por mecanismos existentes dentro da própria sociedade. “Esta suposição implica a tendência em ver as sociedades como algo estático em seu equilíbrio global, assim como uma indisposição para estudar fatores históricos responsáveis por mudanças na vida social” (Angrosino, 2009, p. 18).

Dessa exposição, depreende-se que o funcionalismo leva os estudos sobre mulheres empreendedoras baseados em sua abordagem a um certo conformismo. Entretanto, outras perspectivas podem contribuir para reflexões mais profundas no mundo acadêmico.

2.2. Perspectiva Fenomenológica

A fenomenologia surgiu a partir do pensamento filosófico de Edmund Husserl, no início do século XX, na Alemanha. Segundo seus comentadores, as influências de Husserl vêm de Platão, Descartes e Franz Brentano, do qual foi aluno (Bicudo, 2000). A fenomenologia de Husserl pode ser considerada um retorno à forma clássica assumida pela interpretação aristotélica. Husserl integra a polêmica do logicismo moderno contra o psicologismo (Abbagnano, 2007).

Como esclarece Husserl (1965), o termo Fenomenologia significa estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado, a própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala. A fenomenologia também pode ser percebida como o esforço de realizar, por meio da “epoché”, o ponto de vista do “espectador desinteressado”, do sujeito que não esteja submetido às mesmas coisas (Abbagnano, 2007).

A fenomenologia husserliana é uma volta ao mundo vivido, ao mundo da experiência, o ponto de partida de todas as ciências. Neste sentido, a Fenomenologia propõe descrever o fenômeno, e não explicá-lo ou buscar relações causais, volta-se para as coisas mesmas como elas se manifestam (Husserl, 1965).

Como abordagem filosófica, caracteriza-se por assegurar o sentido dado ao fenômeno. Vai revelar que o mundo é o fenômeno, o que se mostra, embora ainda precise ser desvelado. Busca chegar ao fenômeno, desvelar o sentido deste que se mostra, para chegar aquilo que a coisa é, ou seja, quer chegar à essência das coisas. Giorgi (1985) descreve esta etapa como a



parte mais invariável da experiência, tal como situada num contexto, a essência consiste, assim, na natureza própria daquilo que é objeto, que se interroga.

Outro conceito importante para os estudos fenomenológicos é o de intencionalidade. Como apresenta Abbagnano (2007), a intencionalidade é a característica das vivências que pode ser indicada como o tema geral da fenomenologia orientada objetivamente, pois todas as experiências, de uma forma ou de outra, têm intencionalidade. A atitude fenomenológica procura deixar de lado todo e qualquer pensamento predicativo, concepções, julgamentos que o pesquisador possa ter. Este movimento visa “suspender” o fenômeno, ou colocá-lo em epoché (Giorgi, 1985).

Entre os pensadores que sofreram a influência do pensamento husserliano, pode-se destacar: Scheller, Heidegger, Schutz, Sartre e Merleau-Ponty. Pode-se identificar dois tipos de fenomenologia: a transcendental e a existencial (Vergara & Caldas, 2005). Para os autores, o primeiro tipo tem sido abraçado por teóricos que adotam uma perspectiva pertencente ao paradigma humanista radical, veem transcendência como um potencial para a libertação do cotidiano; o segundo tipo pode ser percebido nos trabalhos de Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty e Schutz. Então surge a fenomenologia descritiva, a realista, a constitutiva, a existencial e a hermenêutica (Vergara & Caldas, 2005).

Alfred Schutz foi um dos grandes discípulos de Husserl. Como sociólogo, Schutz tinha um único propósito, o de estabelecer os fundamentos de uma Sociologia Fenomenológica, a partir de suas leituras de Husserl e Weber. Em seu livro “Fenomenologia e Relações Sociais”, Schutz (1979) discorre sobre a importância do significado e que este é dado pela experiência passada que a pessoa possui sobre um fato. Isto faz com que o significado das ações seja dado em consonância com as suas experiências anteriores. Schutz (1979) revela, portanto, que a importância do significado é dada pela experiência passada da pessoa sobre um fato.

Para Schutz (1979), o sujeito se ampara em sua biografia e em uma comunidade de pessoas que formam o chamado “Outro” para ele. É este Outro, que proporciona e lhe articula a sociabilidade através dos atos comunicativos. Percebe-se assim a intersubjetividade, isto é, não apenas é necessário um olhar subjetivo para entender o mundo, mas ainda estar atento às relações entre os sujeitos.

A partir do trabalho de Schutz, a intersubjetividade torna-se uma questão essencial para as Ciências Sociais. A intersubjetividade faz com que as experiências subjetivas, que são biográficas, sejam significativas (Schutz, 1979). O autor destaca em sua obra a importância de compreender as pessoas em seu mundo social. Desse modo, a Fenomenologia pode abrir espaço para diversos estudos interpretativos, também no campo do empreendedorismo feminino.

2.3. Perspectiva Crítica

A perspectiva crítica como uma corrente epistemológica é muito ampla: de maneira geral, pode-se dizer que vincula todas as teorias que se pautam pela negação da ordem estabelecida, pelo anti-positivismo e pela busca de sua concepção de uma sociedade mais justa e humana. A teoria crítica busca apoiar as lutas sociais emancipatórias (Nobre, 2012). Essa perspectiva teve origem na chamada Escola de Frankfurt, criada em 1923. Conforme Thomson (2010), ela congregava filósofos e pensadores de distintos campos de pensamento, como antropologia, estética, artes, sociologia e filosofia.



A teoria crítica é, em boa medida, devedora da epistemologia marxista, no entanto, os princípios articulados por Horkheimer se referem à obra de Marx como matriz da teoria crítica, e, ao mesmo tempo, orientam-se para um diagnóstico do capitalismo moderno bastante distinto do empreendido por Marx. O conceito de teoria crítica só surge, portanto, quando componentes teóricos centrais do marxismo pareciam invalidados (Nobre, 2012). Faria (2004) aponta que Max Horkheimer e Theodor Adorno, autores da primeira geração da Escola de Frankfurt, são os fundadores desta abordagem. Além destes expoentes da teoria crítica, pode-se citar ainda nomes como: Pollock, Löwenthal, Benjamin, Marcuse e Habermas.

A expressão “teoria crítica” será cunhada primeiramente por Max Horkheimer, em sua obra de 1937, chamada teoria tradicional e teoria crítica. Para ele, era preciso deixar claro que se trata de dois métodos gnosiológicos distintos. Enquanto a Teoria Tradicional, remonta ao Discurso do Método, de Descartes e suas bases positivistas, a teoria crítica quer unir teoria e prática e incorporar ao pensamento tradicional uma tensão com o presente. Para Horkheimer (1991), a teoria tradicional permanecia alheia à conexão geral dos setores da produção.

Para Adorno (1995), grande expoente da teoria crítica, ela opõe-se ao pensamento da não contradição, construído sob a lógica da identidade e da racionalidade. A lógica da teoria crítica atua sob a égide da negatividade, da contradição, numa perspectiva dialética. Para o autor, a crítica dialética tem um compromisso com qualquer objeto e opera mediante o desvelamento de suas contradições, estas compreendidas em face da totalidade, e não de maneira segmentada.

Outra crítica à teoria tradicional é a de que ela não se preocupa com as origens sociais dos problemas e as situações reais. A visão de totalidade rejeita a segmentação simplificadora de um pensamento, e por isso implica numa consideração da dinâmica e da complexidade da vida social, a partir de uma compreensão histórica (Horkheimer, 1991).

Em seu livro “A dialética do esclarecimento”, de 1947, Horkheimer e Adorno empreendem uma reflexão conjunta sobre o desenrolar histórico da proposta da razão iluminista, e o fazem pautados em categorias críticas que se desvelam no texto (Batista-dos-Santos, et al., 2010). Na visão de Horkheimer (1991), a teoria crítica não se deixa enganar pela aparência, isto é, pela ilusão fomentada meticulosamente nas ciências sociais, de que propriedade e lucro não desempenhariam mais o papel decisivo. Seus fundamentos estão embasados na tendência de o capitalismo instituir-se como sistema econômico totalitário, influenciando todas as dimensões da vida social. Horkheimer (1991), estende suas análises para o campo da ciência, que considera ser uma força produtiva a serviço dos interesses dos grupos dominantes. Todavia, é importante ressaltar que não faz uma interpretação mecanicista ou fatalista da ciência no contexto econômico dominante. Como já mencionado, sua interpretação é dialética, sempre mostrando as contradições que se apresentam na realidade.

Assim como outras epistemologias, a teoria crítica, se modifica com o passar do tempo. Segundo Nobre (2012), a busca de uma renovação da perspectiva crítica continua a ter como ponto de fuga a obra de Marx, mas passou a se dar, a partir da conceituação de Adorno, em um campo de forças formado pelas obras de Kant e de Hegel, explicitado por um exercício de críticas e de metacríticas sucessivas.

Em face de sua complexidade, tratar a pesquisa crítica em sua dimensão teórico-empírica requer compreender que tanto a teoria como a prática se desenrolam na dinâmica objetividade-subjetividade (Adorno, 2001). Mesmo tomada como campo plural e diverso, a

teoria crítica é hoje apenas uma dentre muitas formas de crítica social radical. Para que possa manter vivas tanto sua referência original ao pensamento de Marx, quanto sua capacidade de diagnóstico do tempo presente, precisa saber manter sempre fluidas e porosas as suas próprias fronteiras, precisa ser capaz de estabelecer parcerias e diálogos dentro do campo da crítica social em sentido mais amplo (Nobre, 2012).

A teoria crítica vem ganhando espaço nos estudos organizacionais na medida em que se ampliam as complexidades da dinâmica das organizações. Por esse motivo, pode ser uma importante abordagem para os estudos sobre empreendedorismo feminino.

Sendo assim, a partir da importância da contribuição de cada uma das abordagens discutidas neste trabalho, observa-se a necessidade de usar abordagens distintas do *mainstream* para estudar os fenômenos sociais, o que pode culminar em achados relevantes e ainda não explorados, principalmente no campo do empreendedorismo.

3. Procedimentos metodológicos

O presente estudo trata-se de uma discussão exploratória-descritiva, visando analisar artigos sobre empreendedorismo e gênero e enquadrando-os a partir de três epistemologias: funcionalista, fenomenológica e crítica, no sentido de ampliar o debate sobre o empreendedorismo e gênero, pois evidencia, por um lado, a predominância do funcionalismo, e, por outro, as contradições existentes dentro do campo.

Foi realizada uma revisão sistemática qualitativa da literatura (Hearst, et al., 2003; Gomes & Caminha, 2014) na base de dados SPELL, considerando o período de 2012 a 2022. A revisão sistemática qualitativa foi escolhida devido à profundidade de análise requerida para responder ao objetivo. Optou-se por essa base de dados por ser de acesso livre, abrigar grande acervo nacional na área de Administração, ser utilizada como indicador de impacto para classificação dos periódicos do Qualis/Capes, e ser de propriedade da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD) (SPELL, 2016). Ademais, foi selecionada apenas uma base de dados, considerando a dificuldade em analisar qualitativamente os artigos.

Foram selecionadas as seguintes palavras-chave: empreendedorismo por mulheres, empreendedorismo feminino e empreendedorismo e gênero. A busca dos termos deu-se nos índices de Título de Documento, Resumo e Palavras-chave, sendo realizada em dezembro de 2023. Como critérios de inclusão, optou-se por artigos publicados em periódicos no período selecionado (2012 a 2022); artigos revisados por pares; produção científica em periódicos nacionais, que é característica da base de dados escolhida; e artigos publicados em todos os idiomas. O resultado da busca foi detalhado no Quadro 1.

Quadro 1. Resultado da busca realizada

Palavras-chave	Índice	Quantidade de artigos encontrados
Empreendedorismo por mulheres	Título	1
Empreendedorismo por mulheres	Resumo	31
Empreendedorismo por mulheres	Palavras-chave	1
Empreendedorismo feminino	Título	23
Empreendedorismo feminino	Resumo	26
Empreendedorismo feminino	Palavras-chave	35

Empreendedorismo e gênero	Título	5
Empreendedorismo e gênero	Resumo	28
Empreendedorismo e gênero	Palavras-chave	17

Fonte: elaboração própria (2023).

A busca identificou 167 trabalhos, que, após a eliminação dos trabalhos repetidos, resultou em 93 artigos. Primeiramente, foi realizada a leitura dos resumos e das metodologias, sendo adotados os seguintes critérios de exclusão: estudos comparando gênero feminino e masculino (11); estudos com foco em objetivos diversos, sendo a questão de gênero tratada de forma secundária (3); estudos empíricos realizados fora do contexto brasileiro (10); e casos de ensino ou resenha (2). Desta exclusão, restaram 67 artigos. Esses artigos foram lidos na íntegra e analisados foco no objetivo, metodologia e resultados da pesquisa.

A partir dessa revisão atenta e tendo os conceitos epistemológicos como orientativos, chegou-se ao seguinte enquadramento: 51 trabalhos foram categorizados como funcionalistas, quatro como de perspectiva fenomenológica e 10 artigos classificados como tendo feito uso da perspectiva crítica. Dois artigos não foram enquadrados nesta pesquisa porque fizeram uso de outras abordagens epistemológicas, como o pós-modernismo e a teoria sócio-histórica.

Os artigos foram analisados por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2011), sendo enquadrados em uma das três perspectivas epistemológicas, consideradas como categorias de análise. Também foi realizada uma breve descrição quantitativa dos trabalhos analisados.

4. Descrição e Análise dos Resultados

Considerando todo o levantamento, foram 37 revistas científicas, sendo as revistas com maior quantidade de publicação de trabalhos sobre empreendedorismo feminino, listadas no Quadro 2.

Quadro 2. Revistas com maior quantidade de publicações sobre empreendedorismo feminino (2012-2022)

Revista	Quant. de artigos publicados	Abordagem dos artigos	Qualis CAPES (2017-2000)*
REGPEPE Entrepreneurship and Small Business	9	Funcionalista (8) Fenomenologia (1)	A3
Revista Pensamento Contemporâneo em Administração	4	Funcionalista (2) Teoria crítica (2)	A3
Revista de Gestão e Secretariado	4	Funcionalista	A4
Revista Alcance	3	Funcionalista	A4
Revista de Administração Mackenzie	3	Funcionalista	A2
Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo	3	Funcionalista	A3
Revista Organizações em Contexto	2	Teoria crítica	A3
Revista Eletrônica de Ciência Administrativa	2	Teoria crítica	A4
Revista de Ciências da Administração	2	Funcionalista (1) Teoria crítica (1)	A3
Revista de Administração FACES Journal	2	Funcionalista (1) Teoria crítica (1)	A4
Revista da Micro e Pequena Empresa	2	Funcionalista	A4
RAUSP Management Journal	2	Funcionalista	A2

Future Studies Research Journal: Trends and Strategies	2	Funcionalista	A4
Caderno de Administração	2	Funcionalista	B2

* Busca na Plataforma Sucupira

Fonte: elaboração própria (2023).

Pode-se observar que, a maioria das revistas possuem Qualis A. A REGEPE é o periódico com maior número de artigos publicados dentro da temática. Sobre a abordagem, a Revista Organizações em Contexto e Revista Eletrônica de Ciência Administrativa, se destacam por publicar artigos somente dentro da perspectiva crítica. As revistas Pensamento Contemporâneo em Administração, Revista de Ciência Administrativa e FACES Journal publicaram artigos dentro da perspectiva funcionalista e na perspectiva crítica.

As demais revistas publicaram apenas um artigo dentro da temática pesquisada. Os demais artigos enquadrados na perspectiva crítica foram identificados nas revistas RGBN – Revista Brasileira de Gestão e Negócios (A2) e REGE - Revista de Gestão (A2). Os artigos enquadrados na perspectiva fenomenológica, além da REGEPE, foram publicados nas revistas: Economia & Gestão (A4), Revista de Administração Contemporânea (A2) e NAVUS - Revista de Gestão e Tecnologia (A4).

Com relação aos autores que publicaram sobre a temática no período estudado, foram 177 no total, sendo aqueles que mais publicaram descritos no Quadro 3.

Quadro 3. Autores com maior quantidade de publicações sobre empreendedorismo feminino (2012-2022)

Autor	Quant. de artigos publicados	Abordagem dos artigos
Rivanda Meira Teixeira	7	Funcionalista (7) Fenomenologia (1)
Lea Cristina Silva Bomfim	4	Funcionalista
Tales Andreassi	3	Funcionalista
Almiralva Ferraz Gomes	3	Funcionalista (2) Teoria Crítica (1)
Afrânio Galdino de Araújo	2	Funcionalista
Ana Eliza Galvão Cortez	2	Funcionalista
Ananda Silva Bacelar	2	Funcionalista
Antonio Carvalho Neto	2	Funcionalista
Carolina Maria Mota Santos	2	Funcionalista (1) Teoria Crítica (1)
Christiane Kleinübing Godoi	2	Funcionalista
Cristina Keiko Yamaguchi	2	Funcionalista
Fátima Regina Ney Matos	2	Funcionalista (1) Teoria Crítica (1)
Fernanda Versiani	2	Funcionalista (1) Teoria Crítica (1)
Gisele Silveira Coelho Lopes	2	Funcionalista
Jaiane Aparecida Pereira	2	Funcionalista
Joice dos Santos Fabrício	2	Funcionalista
Melissa Watanabe	2	Funcionalista
Priscila Lucia Oliveira Silva	2	Funcionalista

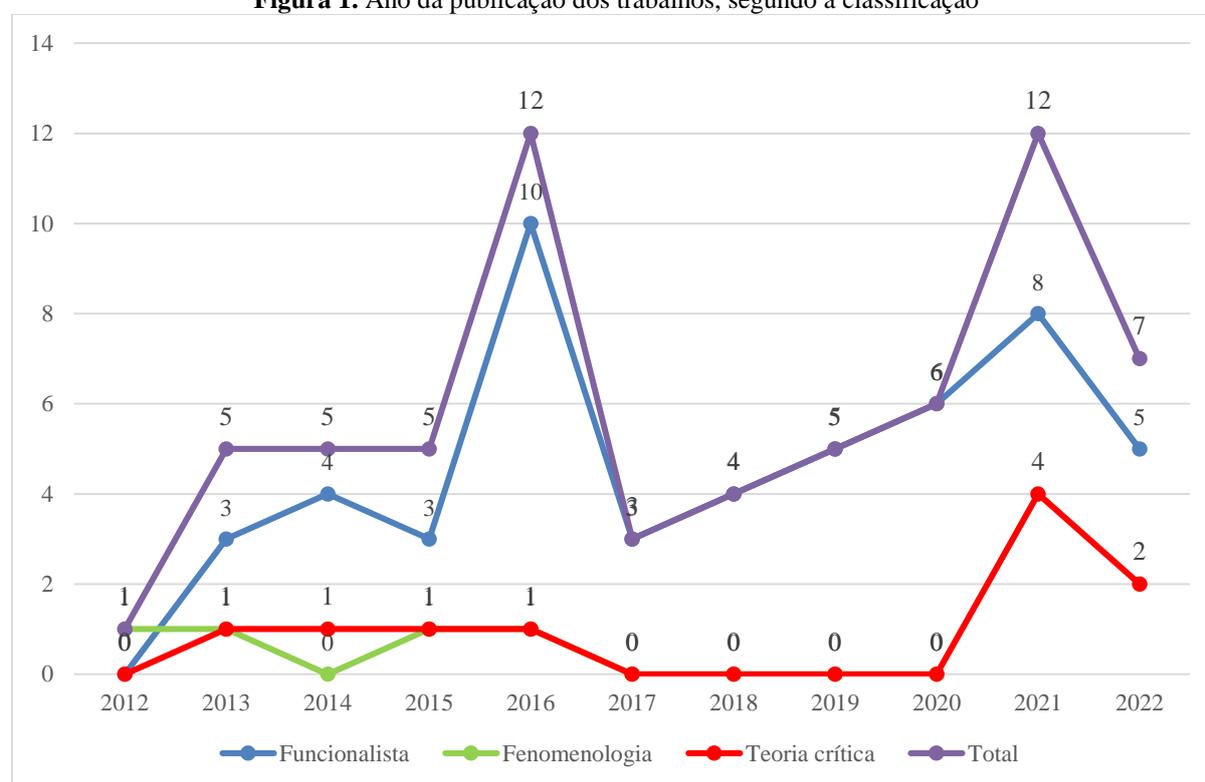
Robson Amaral Santos	2	Funcionalista
Taize dos Santos Fernandes	2	Funcionalista
Tereza Cristina Batista de Lima	2	Funcionalista
Vânia Maria Jorge Nassif	2	Funcionalista

Fonte: elaboração própria (2023).

Além dos 22 autores listados, outros 155 autores tiveram um trabalho publicado, mostrando que há uma quantidade considerável de pesquisadores estudando sobre o empreendedorismo feminino e as questões de gênero.

Quando se trata do ano de publicação, na Figura 1 são mostrados os anos das publicações considerando a classificação estabelecida dentro das três abordagens pesquisadas.

Figura 1. Ano da publicação dos trabalhos, segundo a classificação



Fonte: elaboração própria (2023).

De forma geral, observa-se que o tema apresenta um interesse contínuo, com auge de publicações em 2016 e em 2021. Com relação à perspectiva crítica, pode ser vislumbrado um aumento do interesse nos dois últimos anos, o que pode vir a ser uma tendência. Já sobre a perspectiva fenomenológica, os quatro trabalhos foram publicados somente entre 2012 e 2016.

Vale ressaltar que, embora os artigos apresentem uma mistura entre as três abordagens estudadas nos trabalhos, fez-se um esforço por separar os trabalhos de acordo com a



epistemologia dominante, sendo apresentadas a seguir uma discussão sobre os trabalhos realizados dentro de cada uma das epistemologias pesquisadas.

4.1. Trabalhos com predominância da epistemologia funcionalista

Conforme esperado, a maioria dos trabalhos (51), foram enquadrados com predominância da epistemologia funcionalista. Diante da grande quantidade de trabalhos, optou-se por discutir as questões gerais e descrever alguns achados mais relevantes, uma lista com todos os trabalhos foi inserida nesta pesquisa como Anexo A. De modo geral, o levantamento realizado mostrou que grande parte dos trabalhos são de natureza qualitativa.

Como exemplo de pesquisa qualitativa com uma epistemologia funcionalista, pode-se citar os trabalhos de Cortez et al. (2016) e Cortez et al. (2017). No primeiro, os autores se empenham em “compreender” a influência de aspectos cognitivos e afetivos, por meio da análise de trajetórias de mulheres empreendedoras, utilizando o método de história oral temática. No segundo, os autores, em suas considerações finais salientam a busca por explicar como os aspectos cognitivos e afetivos influenciam as ações empreendedoras. Tanto a abordagem processual como a literatura para a análise teórica dos trabalhos são devedoras do funcionalismo, já que visam “explicar” e não “compreender”, os aspectos cognitivos.

Outro exemplo é o estudo de Gimenez et al. (2017), que pesquisaram a dinâmica de surgimento e formação do campo empreendedorismo por mulheres no Brasil, evidenciando sua gênese, abordagens de pesquisa, temas considerados e resultados. Os autores afirmam que encontraram um predomínio de abordagens interpretativistas no estudo do empreendedorismo feminino no Brasil e que isso associa-se a um forte interesse sobre o entendimento dos significados que as empreendedoras estudadas atribuem a diversos aspectos da ação empreendedora (Gimenez, et al., 2017). No entanto, como seu foco não era uma análise epistemológica, é preciso ressaltar que pesquisas funcionalistas frequentemente são realizadas com metodologia qualitativa, até mesmo etnográfica (Angrosino, 2009).

Considerando a abordagem interpretativista, no estudo de Capponi e Dall’Asta (2014), embora os autores explicitem esse tipo de análise, a utilização de uma amostra, o objetivo de “analisar” e a descrição de dados quantitativos não permitem o aprofundamento necessário para abordagem proposta. Da mesma forma, Alperstedt et al. (2014) propõem uma análise interpretativa a partir das histórias de vida de empreendedoras, combinando com técnicas estatísticas simples para caracterizar o universo pesquisado. Souza et al. (2016) apresentam que, na amostra investigada, a variável gênero se mostrou um forte preditor do sucesso empresarial, indicando que homens tem 2,8 vezes maior chance de sucesso nos negócios que mulheres. Aqui o predomínio funcional parece se articular com uma forte visão sexista, o que acaba por fortalecer o preconceito de gênero em relação às mulheres.

A pesquisa de Fernandes et al. (2016), mesmo explicitando seu cunho epistemológico de ordem fenomenológica, já que objetivava compreender as manifestações das dimensões do empoderamento nas mulheres empreendedoras, parece se perder em enfatizar em excesso a metodologia e não as análises. O artigo se propõe a selecionar os sujeitos participantes via amostragem não probabilística por acessibilidade. O uso de termos como amostragem não probabilística, denota uma epistemologia funcionalista, permeando a produção dos autores. Outra preocupação é que mesmo com ricas histórias de vida, não se encontra nenhuma

referência à “*epoché*”, como tentativa de redução fenomenológica para apreender a essência dos fenômenos.

Vale destacar que, muitos trabalhos qualitativos com predominância de perspectivas funcionalistas, trazem grandes contribuições e reflexões profundas ao campo do empreendedorismo feminino, como Balog et al. (2021). As autoras identificaram a percepção de mulheres empreendedoras sociais pretas, com ensino superior, no município do Rio de Janeiro em relação aos desafios no sistema de empreendedorismo por necessidade, em meio à crise da Covid-19, mostrando que esses sujeitos compartilham desafios por estarem em posição de vulnerabilidade, contudo lutam pela quebra de barreiras invisíveis.

4.2. Trabalhos com predominância da epistemologia fenomenológica

No esforço de enquadrar os artigos que tratam de empreendedorismo e gênero, foram elencados quatro dos 65 trabalhos, que trazem de maneira mais ou menos explícita, uma epistemologia de ordem fenomenológica. No quadro 4, apresenta-se os dados sobre os trabalhos.

Quadro 4. Artigos caracterizados como de perspectiva fenomenológica

Ano	Título	Autores
2012	Representações femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios	Luciana Cramer, Mônica Carvalho Alves Cappelle, Áurea Lúcia Silva Andrade, Mozar José de Brito.
2013	Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino	Jane Mendes Ferreira, Eloy Eros Silva Nogueira.
2015	Empreendedorismo feminino: um estudo fenomenológico	Suely da Silva Carreira, Ana Benciveni Franzoni, Aulina Judith Folle Esper, Daniela Chagas Pacheco, Fabiana Böhm Gramkow, Manoel Francisco Carreira.
2016	Identificação de Oportunidades Empreendedoras por Mulheres	Rony KlayViana de Freitas, Rivanda Meira Teixeira.

Fonte: elaboração própria (2023).

Cramer et al. (2012), utilizam a teoria das representações sociais como alternativa teórico-metodológica para compreender as representações sociais de empresárias sobre o que significa ser mulher no mundo dos negócios. Os autores utilizaram o método de análise de discurso para interpretar o sentido da linguagem e dos significados para a construção da identidade da mulher empresária, apontando a necessidade de pesquisas amparadas na compreensão das relações de gênero.

O estudo de Ferreira e Nogueira (2013), embora não use o termo Fenomenologia, se propõe a identificar os elementos que permitem conhecer a subjetividade de mulheres empreendedoras e traz relatos profundos destas subjetividades. Parece guardar identidade com a abordagem fenomenológica, embora se reporte como sócio-histórico.

Percebe-se que o que prevalece, ainda, na sociedade brasileira, é uma visão naturalizada dos gêneros. As pessoas ainda pensam que ser mulher é uma condição biológica e não social [...]. As mulheres empreendedoras desta pesquisa estão

constantemente se firmando como sujeitos de sua própria história (Ferreira & Nogueira, 2013, p. 414).

Carreira et al. (2015), declaram utilizar uma análise do empreendedorismo feminino a partir do método fenomenológico-interpretativista, buscando identificar aspectos da subjetividade que demonstrem a existência do perfil empreendedor. Embora o estudo seja declaradamente fenomenológico, a análise repousa na superficialidade, apontando aspectos mais explícitos do que desvelados.

Freitas e Teixeira (2016) trazem indícios de uma visão fenomenológica, ao analisar a exploração de oportunidades por mulheres, ressaltam que os resultados obtidos podem ser utilizados para aprofundar futuras pesquisas que busquem revelar o papel da família na identificação da oportunidade. Embora a teoria deste trabalho seja focada numa perspectiva utilitarista, o esforço por “revelar” denota uma visão compreensiva do fenômeno.

De modo geral, para além da quantidade reduzida de trabalhos, percebe-se que falta ferramental adequado e profundidade para a utilização desta abordagem quando se trata de pesquisas sobre o empreendedorismo feminino.

4.3. Trabalhos com predominância da epistemologia teórico-crítica

Embora seu número venha crescendo nos últimos anos, os estudos organizacionais que adotam uma perspectiva crítica ainda são exceção no contexto brasileiro. Foram identificados 10 trabalhos com essa epistemologia e ainda assim com ressalvas, como discutido. Os dados sobre os trabalhos foram apresentados no Quadro 5.

Quadro 5. Artigos caracterizados como de perspectiva crítica

Ano	Título	Autores
2013	Análise do discurso de “mulheres de negócio” associadas à Business Professional Women	Raquel Santos Soares Menezes, Janete Lara de Oliveira.
2014	Empreendedorismo feminino como sujeito de pesquisa	Almiralva Ferraz Gomes, Weslei Gusmão Piau Santana, Uajará Pessoa Araújo, Caroline Miria Fontes Martins.
2015	Empreendedorismo Feminino no Artesanato: uma Análise Crítica do Caso das Rendeiras dos Morros da Mariana, Piauí	Marina Dantas de Figueiredo, Auristela do Nascimento Melo, Fátima Regina Ney Matos, Diego Queiroz Machado.
2016	Gênero Feminino no Empreendedorismo de Sucesso em Minas Gerais: Estudo de Casos	Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo, Ana Lúcia Magri Lopes, Rosiane Belo Rodrigues.
2021	Os Lugares de Fala das Mulheres Acadêmicas no Campo do Empreendedorismo no Brasil: Um Estudo Entre os Anos de 2005 e 2020	Lara Ferreira Rezende Camargo, Josiane Silva de Oliveira.
2021	A Literatura Feminista de Nísia Floresta na Formação em Administração	Susane Petinelli Souza.
2021	Desafios de empreendedoras na economia criativa periférica: um olhar interseccional	Emmanuelle Lopes de Almeida, Pâmela Karolina Dias, Elisabeth Cavalcante dos Santos.
2021	Consequências (não) premeditadas do empreendedorismo para a mulher	Fernanda Versiani, Carolina Mota-Santos, Antonio Carvalho Neto, Mariana Lima Caeiro.

2022	Quando as portas se abrem: implicações do COVID-19 e da interface trabalho-família para mulheres empreendedoras	Thyanne Lima Duarte Pontes, Anabela do Rosario Leitão Dinis.
2022	Representações sociais sobre empreendedorismo feminino em <i>webséries</i> do Sebrae	Fabiana Pinto de Almeida Bizarria, Danielle Maria Apolonio Rodrigues, Gabriele Ferreira da Silva, Flávia Lorene Sampaio Barbosa.

Fonte: elaboração própria (2023).

Menezes e Oliveira (2013) levantam pontos de reflexão acerca da representação da mulher que se considera “de negócios”, a partir da análise de discurso. As autoras se utilizam de discussões no âmbito dos estudos organizacionais, contudo, também se utilizam de literatura funcionalista, sendo que na conclusão apenas reforçam os seus achados sem problematizar os resultados, o que acaba por ser mais funcionalista do que crítico.

Um estudo que se filia especificamente à perspectiva crítica buscou avaliar as pesquisas publicadas em periódicos brasileiros e internacionais sobre empreendedorismo e gênero a partir da década de 1970. Gomes et al. (2014), encontraram como resultado que os estudos foram de natureza quantitativa e voltam-se para traçar o perfil das mulheres. As autoras apontam que a maior parte dos trabalhos se limitou a descrever, sem contatar, pequenos segmentos da população de mulheres empreendedoras e por isso não avançaram na aplicação e desenvolvimento de teorias. “Poucos foram os estudos que elaboraram uma análise teórica especificamente sobre a temática “gênero” [...] a preocupação recorrente de muitos trabalhos esteve centrada na estrutura sexuada das organizações e em suas consequências para as atividades empresariais” (Gomes et al., 2014, p. 334).

Figueiredo et al. (2015), ao tratar de como a ação empreendedora feminina, a partir do trabalho artesanal, pode contribuir para a emancipação das artesãs empreendedoras, traz uma visão crítica, pautada em teorias feministas. Conforme os autores, seus achados revelaram um aspecto pouco problematizado a respeito da atividade empreendedora feminina: a necessidade de analisar a ação empreendedora da mulher a partir de um viés crítico das questões de gênero e classe social. Em suas conclusões a perspectiva crítica marxista pode ser observada:

Através de fragmentos da narrativa das rendeiras entrevistadas, foi possível identificar que a profissionalização de uma atividade artesanal considerada “amadora” não se faz sem impasses e conflitos. Por um lado, a exposição da mulher na esfera pública através da ação empreendedora provoca instabilidade no sistema patriarcal, [...] e são frequentes as tentativas masculinas de impedir que as carreiras femininas se desenvolvam [...] isso implica que a mulher desconstrua os padrões de comportamento esperados e estabeleça novos vínculos com o espaço público. Por outro lado, quando o artesanato feminino ganha notoriedade e se torna amplamente reconhecido, é comum que seja convertido em empreendimento comercial (Figueiredo et al., 2015, p. 120).

Melo et al. (2016), ao analisar as características individuais de mulheres empreendedoras, bem como as estratégias adotadas para a consolidação de seu empreendimento, salientam o caráter qualitativo e interpretativo da pesquisa. Contudo, na busca optou-se por colocá-lo como devedor em certa medida, da epistemologia crítica. Isso por



duas razões: a primeira é que as autoras fazem uso de textos de pensadores como Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir e Gilles Lipovetsky, notadamente mais críticos; a segunda diz respeito as denúncias, com vistas a uma visão emancipatória que o artigo aponta.

Camargo e Oliveira (2021) desenvolveram uma pesquisa quantitativa através de uma revisão bibliométrica. Apesar do ferramental utilizado, as autoras buscaram discutir os lugares de fala das mulheres acadêmicas que pesquisam e publicam no campo do empreendedorismo, utilizando discussões de gênero e dos “lugares de fala” a partir de autores críticos. As conclusões mostram aspectos relevantes para a compreensão de como as mulheres estão posicionadas no campo, apresentando que existe uma relação direta dos lugares de fala com as dinâmicas estruturais da sociedade.

Versiani et al. (2021) utilizam uma abordagem de caráter crítico a partir das discussões de Giddens apontando as consequências não premeditadas do empreendedorismo feminino. Como resultados, os autores evidenciam possibilidades de investigação não tratadas na literatura como: preconceito do cliente homem em relação à empreendedora, mudança no próprio comportamento da mulher no sentido de masculinizar-se para combater o preconceito, influência de estereótipos, e falta de reconhecimento social.

Souza (2021) utiliza a literatura feminista de Nísia Floresta para discutir a formação em Administração, mostrando temas que podem ser debatidos para produzir processos reflexivos nos alunos, como o empreendedorismo feminino, visto que os estudos nessa área ainda apontam a subordinação das mulheres.

Almeida et al. (2021) utilizam a teoria da interseccionalidade para entender as estruturas de opressão em nível macro e micro social vivenciadas por empreendedoras na Economia Criativa em Caruaru-PE. A partir dessa teoria social crítica, as autoras reiteram que foi possível articular a diferença de gênero a outras categorias como localidade e geração.

Souza e Dinis (2022), a partir de teorias feministas examinam as motivações e experiências de mulheres que abriram negócios durante a pandemia da Covid-19. Apesar disso, os resultados apresentados não aprofundam a discussão, pautando-se somente na descrição.

Bizarria et al. (2022), analisam as representações sociais a partir de *webséries* do Sebrae com uso de software. Embora não delineiem sua abordagem epistemológica, pode-se situá-lo na teoria (levemente) crítica, a partir dos *insights* finais, pois as autoras questionam as premissas dos vídeos e seu impacto na saúde feminina.

4.4. Análise dos dados

Diante do exposto, observa-se que as três epistemologias elencadas estiveram presentes de maneira mais ou menos explícita nos trabalhos analisados. Ao analisar os artigos de modo geral, percebe-se que poucos trabalhos apresentaram de forma clara e estanque uma única abordagem epistemológica. Observa-se que eles apresentam traços de duas ou mais abordagens, por vezes complementares, noutras até mesmo contraditórias. Neste caso, concorda-se com Gimenez et al. (2017) no que se refere a existência de uma lacuna na reflexão teórica sobre o empreendedorismo feminino no Brasil.

Foram percebidas ainda algumas incongruências em diversos trabalhos, como o fato de se apresentar com uma epistemologia e se utilizar de ferramental de outra. Essa questão talvez possa ser explicada pela hegemonia do funcionalismo, o que requer cuidado no desenvolvimento de trabalhos de outras perspectivas, como a fenomenologia e a teoria crítica,



que são importantes para se superar as ausências epistemológicas. Neste contexto, ficam evidentes os equívocos epistemológicos e a necessidade de expandir os olhares para se superar certas lacunas analíticas.

A análise quantitativa mostrou que foram 65 artigos publicados em 37 revistas, com 177 autores. Sobre o ano de publicação, pode-se perceber um interesse contínuo pelo tema, sobretudo a partir da epistemologia dominante, a funcionalista. Contudo, observou-se um aumento a partir de 2021 dos trabalhos com perspectiva crítica, o que pode desencadear uma tendência.

Como apontam Vizeu e Silva (2015), é preciso entender mais profundamente o caráter das epistemologias que sustentam as abordagens, pois assim acredita-se ser possível revelar diferentes estruturas de pesquisa, que resultem em visões distintas do mesmo fenômeno. No caso do empreendedorismo feminino, se adotarmos uma única perspectiva sobre o fenômeno, teremos discussões com baixa contribuição para o debate que amplia o olhar e traz condições emancipatórias em seu bojo. Para Bourdieu (1999) a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça.

Sendo assim, este trabalho contribui na medida em que lança luz sobre a necessidade de ir além de análises funcionalistas para explicar o crescente fenômeno da mulher empreendedora e sua importância econômica, política e social.

5. Conclusões

Este estudo teve como objetivo analisar como os artigos sobre empreendedorismo feminino podem ser enquadrados considerando o olhar de três epistemologias distintas: a funcionalista, a fenomenológica e a teoria crítica, visando ampliar o debate sobre empreendedorismo e gênero.

A maioria dos trabalhos analisados revelou de maneira mais ou menos explícita ser devedora de uma epistemologia funcionalista. A presunção positivista/funcionalista está contida em sua máxima de que é possível se chegar à verdade, e que esta verdade se realiza na correspondência entre enunciado e realidade. Embora não seja uma questão problemática, a *priori*, o uso massivo desta vertente epistemológica denota um estreitamento das possibilidades de pesquisa.

Em relação aos trabalhos com enfoque fenomenológico, pode-se notar a escassez de pesquisas. Por isso, concorda-se com Ferreira e Nogueira (2013) para quem as questões de gênero também podem ser consideradas como construções sociais e espaço simbólico produzido pela cultura. A fenomenologia pode representar um avanço no sentido de compreender em maior profundidade as representações do empreendedorismo feminino em seus vários matizes.

Com relação aos trabalhos que fizeram uso da teoria crítica, pôde-se evidenciar que denunciam contradições nos estudos sobre empreendedorismo feminino. Em alguns casos, a ideologia do empreendedorismo é acusada de mascarar a precarização nas relações de trabalho (Bulgacov et al., 2014), fato que deve ser explorado e abre espaço para novos achados importantes.

Sendo assim, conclui-se que as pesquisas no campo do empreendedorismo no que tange aos estudos de gênero, carecem de abordagens distintas da abordagem dominante, o que pode



estar enviesando os achados amplamente aceitos pela comunidade acadêmica, destoando da realidade enfrentada pelas mulheres no mercado.

Vale ressaltar as limitações do presente trabalho, pois ao adotarmos três epistemologias distintas para focalizar os estudos sobre empreendedorismo feminino, muitas outras abordagens, bem como as intersecções entre elas, não foram abordadas. Outra limitação é o uso de apenas uma base de dados, a SPELL, e considerar apenas artigos sobre o contexto brasileiro. Apesar disso, considera-se importante buscar contribuir para ampliar o debate acerca da produção de trabalhos acadêmicos sobre empreendedorismo feminino no Brasil.

Por fim, sugere-se para pesquisas futuras, a ampliação deste trabalho, seja em âmbito internacional ou envolvendo outras epistemologias, especialmente o pós-modernismo, que contesta e amplia as epistemologias aqui apresentadas. Para além de questões puramente epistemológicas, os estudos aqui abordados deixam uma lacuna em relação às mulheres empreendedoras e a questão do poder. Essa reflexão ainda precisa ser aprofundada na medida em que estar no poder e de fato ter poder são questões ainda por serem respondidas.

Referências

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Adorno, T. (2001). *Epistemología en ciencias sociales*. Madri: Ediciones Cátedra.
- Adorno, T. (1995). *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ahl, H. (2006). Why research on women entrepreneurs needs new directions? *Entrepreneurship Theory and Practice*, 30(5), 595-621.
- Ahl, H., & Marlow, S. (2012). Exploring the dynamics of gender, feminism and entrepreneurship: advancing debate to escape a dead end? *Organization*, 19(5), 543-562.
- Almeida, E. L., Dias, P. K., & Santos, E. C. (2021). Desafios de empreendedoras na economia criativa periférica: Um olhar interseccional. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 15(1), 122-146.
- Alperstedt, G. D., Ferreira, J. B., & Serafim, M. C. (2014). Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. *Revista de Ciências da Administração*, 16(40), 221-234.
- Angrosino, M. (2009). *Etnografia e Observação Participante*. Porto Alegre: Ed. Artmed.
- Aron, R. (2008). *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- Balog, D. L. T., Zouain, D. M., & Teixeira, A. C. C. (2021). Mulheres empreendedoras pretas no rio: desafios da Covid-19. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 15(1), 1-18.
- Batista-dos-Santos, A. C., Alloufa, J. M. D. L., & Nepomuceno, L. H. (2010). Epistemologia e metodologia para as pesquisas críticas em administração: leituras aproximadas de Horkheimer e Adorno. *Revista de Administração de Empresas*, 50, 312-324.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. SP: Edições 70.



- Bicudo, M. A. V. (2000). *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez.
- Bizarria, F. P. A., Rodrigues, D. M. A., Silva, G. F., & Barbosa, F. L. S. (2022). Representações sociais sobre empreendedorismo feminino em webséries do Sebrae. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 16(2), 150-166.
- Boava, D. L. T., & Macedo, F.M.F. (2017). Apontamentos sobre axiologia, ideologia e a ética do empreendedorismo. *Pensamento & Realidade*, 32(2), 9-109.
- Bourdieu, P. A. (1999). *Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brush, C. G., Greene, P. G.; Welter, F. (2020). The Diana Project: a legacy for research on gender in entrepreneurship. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 12, 7-25.
- Bulgacov, Y. L., Camargo, D., Canopf, L., Matos, R. D., & Zdepski, F. B. (2014). Contribuições da teoria da atividade para o estudo das organizações. *Cadernos EBAPE.BR*, 12(3).
- Buttner, E. H. (2001). Examining female entrepreneurs' management style: An application of a relational frame. *Journal of Business Ethics*, 9(3), 253-270.
- Camargo, L. F. R., & Oliveira, J. S. (2021). Os lugares de fala das mulheres acadêmicas no campo do empreendedorismo no Brasil: Um estudo entre os anos de 2005 e 2020. *Revista de Ciências da Administração*, 23(60), 73-87.
- Carter, S., Williams, M., & Reynolds, P. (1997). Discontinuance among new firms in retail: The influence of initial resources, strategy and gender. *Journal of Business Venturing*, 12(2).
- Carreira, S. S., Franzoni, A. B., Esper, A. J. F., Pacheco, D. C., Gramkow, F. B., & Carreira, M. F. (2015). Empreendedorismo feminino: um estudo fenomenológico. *NAVUS - Revista de Gestão e Tecnologia*, 5(2), 6-13.
- Cavalcanti, M. (2007). O ensino do empreendedorismo no Brasil na universidade pública e o apoio à mulher empreendedora: reflexões críticas. *Revista de Administração Unimep*, 5(1).
- Capponi, N. F., & Dall'Asta, D. (2015). Fatores motivacionais que levam o público feminino a aventurarem-se no mundo dos negócios. *CAP- Accounting and Management*, 8(8), 9-23.
- Chaganti, R. (1986). Management in women-owned enterprises. *Journal of Small Business Management*, 24(4), 18-29.
- Clercq, D., & Brieger, S. A. (2022). When Discrimination is Worse, Autonomy is Key: How Women Entrepreneurs Leverage Job Autonomy Resources to Find Work-Life Balance. *Journal of Business Ethics*, 177, 665–682. <https://doi.org/10.1007/s10551-021-04735-1>
- Cliff, J. E. (1998). Does one size fit all? Exploring the relationship between attitudes towards growth, gender, and business size. *Journal of Business Venturing*, 13(6), 523-542.
- Cortez, A. E. G., Andrade, T. B. F., Bellucci, C. F., & de Araújo, A. G. (2016). Cognição e afetividade nas trajetórias empreendedoras das mulheres da cidade do Natal–RN. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 5(2), 24-50.
- Cortez, A. E. G., Araújo, A. G., & Pereira, F. A. M. (2017). A influência dos aspectos



cognitivos e afetivos de mulheres empreendedoras nas diferentes fases de desenvolvimento de um negócio. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(2), 234-262.

Comte, A. (2000). *Curso de filosofia positiva*. São Paulo: Nova Cultural.

Costa, L., Sampaio, J. D. O., & Flores, E. S. (2019). Diversidade de gênero nos conselhos administrativos e sua relação com desempenho e risco financeiro nas empresas familiares. *Revista de Administração Contemporânea*, 23, 721-738.

Cramer, L., Cappelle, M. C. A., Andrade, Á. L. S., & Brito, M. J. (2012). Representações femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios. *REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal*, 1(1), 53-71.

Durkheim, É. (1978). *As regras do método sociológico*. São Paulo: Abril Cultural.

Faria, J. H. (2004). *Economia política do poder: fundamentos*. V. 1. Curitiba: Juruá.

Fernandes, T. D. S., Lopes, G. S. C., Watanabe, M., & Yamaguchi, C. K. (2016). Dimensões do Empoderamento Feminino: Autonomia ou Dependência? *Revista Alcance*, 23(3).

Ferreira, J. M., & Nogueira, E. E. S. (2013). Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. *Revista de Administração Contemporânea*, 17(4), 398-417.

Figueiredo, M. D., Melo, A. N., Matos, F. R. N., & Machado, D. Q. (2015). Empreendedorismo Feminino no Artesanato: uma Análise Crítica do Caso das Rendeiras dos Morros da Mariana, Piauí. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 14(2), 110-123.

Freitas, R. K., & Teixeira, R. M. (2016). Identificação de Oportunidades Empreendedoras por Mulheres. *Revista Economia & Gestão*, 16(44), 81-108.

GEM. *Global Entrepreneurship Monitor*. 2020. Empreendedorismo no Brasil: 2019. Curitiba: IBQP.

Gil, A. C.; & Silva, S. P. M. (2015). O método fenomenológico na pesquisa sobre empreendedorismo no Brasil. *Revista de Ciências da Administração*, 17(41), 99-113. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8077.2015v17n41p99>

Gimenez, F. A. P., Ferreira, J. M., & Ramos, S. C. (2017). Empreendedorismo Feminino no Brasil: Gênese e Formação de um Campo de Pesquisa. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(1), 40-74.

Giorgi, A. (1985). *Phenomenological and psychological research*. Pittsburgh: Duchenre University Press.

Gomes, I. S., & Caminha, I. O. (2014). Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. *Movimento*, 20(1), 395-411.

Gomes, A. F., Santana, W. G. P., Araújo, U. P., & Martins, C. M. F. (2014). Empreendedorismo Feminino como sujeito de pesquisa. *RGBN, São Paulo*, 16(51), 319-342.

Greene, P. G., Hart, M. M., Gatewood, E. J., Brush, C. G., & Carter, N. M. (2003). *Women entrepreneurs moving front and center: An overview of research and theory*. Coleman



Foundation.

Guimarães, A. F., Santos, R. H., Ferreira, M. R., & Borges, W. A. (2021). Empreendedorismo como campo polissêmico: um contraponto ao reductionismo do mainstream econômico. *Caderno de Administração*, 29(1), 151-167. <https://doi.org/10.4025/cadadm.v29i1.48390>

Hahn, I. S., Scherer, F. L., Oliveira, M. C. S. F., Quionha, M., & Lebioda, L. (2017). Tendência Empreendedora: Um Estudo Comparativo Entre Indivíduos de Grandes Empresas e PMEs Brasileiras. *Desenvolvimento em Questão*, 15(40), 288-320.

Haynes, G.W., & Helms, M. M. (2000). When bank loans launch new ventures: A profile of the growing female entrepreneur segment. *Bank Marketing*, 3(5), 28-36.

Hearst, N., Grady, D., Barron, H. Y., & Kerlikowske, K. (2003). *Pesquisas com dados existentes: Análise de dados secundários, estudos suplementares e revisões sistemáticas*. In: Hulley, S. B., et al. (Coord.) *Delineando a pesquisa clínica*. (pp. 225-244). Porto Alegre: Artmed.

Horkheimer, M. (1991). *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. In: Horkheimer, M.; Adorno, T. W. *Textos Escolhidos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural.

Husserl, E. (1965). *A filosofia como ciência do rigor*. Coimbra: Atlântica.

Jackson, C. (2012). Speech, gender and power: Beyond testimony. *Development and Change*, 43(5), 999-1023.

Jennings, J. E., & Brush, C. G. (2013). Research on women entrepreneurs: challenges to (and from) the broader entrepreneurship literature? *Academy of Management Annals*, 7(1), 663-715.

Kalleberg, A. L., & Leicht, K. T. (1991). Gender and organizational performance: determinants of small business survival and success. *Academy of Management Journal*, 34, 136-161.

Lima, C. A. P. C., Silva, B. C. O., & Bezerra, J. C. V. (2020). Mulher macho, não senhor! Um estudo de caso sobre a percepção de gestoras e seus pares a respeito do modelo de gestão feminina. *Revista de Administração, Sociedade e Inovação*, 6(3), 7-21.

Malinowski, B. (1970). *A teoria funcional*. In: Uma teoria científica da cultura. Rio de Janeiro: Zahar.

Melo, M. C. O. L., Lopes, A. L. M., & Rodrigues, R. B. (2016). Gênero Feminino no Empreendedorismo de Sucesso em Minas Gerais: Estudo de Casos. *Revista Organizações em Contexto*, 12(23), 143-172.

Menezes, R. S. S., & Oliveira, J. L. (2013). Análise do discurso de “mulheres de negócio” associadas à Business Professional Women. *Rege - Revista de Gestão*, 20(4), 425-440.

Nobre, M. (2012). Teoria crítica: uma nova geração. *Novos estudos CEBRAP*, 93, 23-27.

Norris, C. *Epistemologia: conceitos-chave em filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OECD. *Les femmes entrepreneurs à la tête de PME: pour une participation dynamique à la mondialisation et à l'économie fondée sur le savoir*. Actes Paris, 2000.



Pontes, T. L. D., & Dinis, A. D. R. L. When the doors open: implications of COVID-19 and the work-family interface for women entrepreneurs. *Revista Organizações em Contexto*, 18(36), 225-251.

Radcliffe-Brown, A. R. (1973). *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Rio De Janeiro: Vozes.

Saccol, A. Z. (2009). Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. *Revista de Administração da UFSM*, 2(2).

Schutz, A. (1979). *Bases da fenomenologia*. In: Wagner, H. (Coord.). *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz*. Rio de janeiro: Zahar.

Schwartz, E. (1976). Entrepreneurship: a new female frontier. *Journal of Contemporary Business*, 5(1), 47-76.

Souza, S. P. (2021). A literatura feminista de Nísia Floresta na formação em administração. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 20(4), 739-763.

Souza, G. H. S., Santos, P. C. F. D., Lima, N. C., Cruz, N. J. T., & Lezana, A. G. R. (2016). Entrepreneurial Potential and Success in Business: a study on elements of convergence and explanation. *Revista de Administração Mackenzie*, 17(5), 188-215.

SPELL. *Scientific Periodicals Electronic Library*. (2016). Características. <http://www.spell.org.br/sobre/caracteristicas>

Teixeira, D. M., Júnior, C. V. B., & de Almeida, M. I. S. (2023). A relação entre as políticas de gênero e a criação de empresas por mulheres. *REGPE - Entrepreneurship and Small Business Journal*, 12(3), e2137. <https://doi.org/10.14211/regepe.esbj.e2137>

Thomson, A. (2010). *Para compreender Adorno*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Vergara, S. C., & Caldas, M. P. (2005). Paradigma interpretacionista: a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. *Revista de Administração de Empresas*, 45(4).

Versiani, F., Neto, A. C., Caeiro, M. L., Martins, M., & Mota-Santos, C. (2021). Consequências (não) premeditadas do empreendedorismo para a mulher. *Revista de Administração FACES Journal*, 20(2), 10-28.

Vizeu, F., & Silva, A. J. H. (2015). Pesquisas Sobre Redes Interorganizacionais: Uma Distinção Paradigmática. *Amazônia, Organizações e Sustentabilidade*, 4(1), 35-54.



Anexo A

Artigos com predominância da perspectiva funcionalista

Ano	Título	Autores
2013	A mulher empreendedora como parte da disseminação da educação empreendedora: um estudo nos colégios particulares da cidade de Jandaia do Sul – PR	Jaiane Aparecida Pereira, Viviane dos Santos Machado.
2013	A percepção da lógica da effectual na construção de empresas de economia criativa	Sabrina Giselle Levinton, Laiza Fernanda dos Santos Hofmann.
2013	Empreendedorismo feminino: um estudo sobre sua representatividade no município de Toledo - Paraná	Fernanda Cristina Sanches, Carla Maria Schmidt, Ivanete Daga Cielo, Marta Karina Schmitz Küh.
2014	Análise da evolução da atividade empreendedora no Brasil de acordo com o Global Entrepreneurship Monitor (GEM) entre os anos de 2000 e 2013	Vitor Koki da Costa Nogami, Juliana Medeiros, Valter da Silva Faia.
2014	Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida	Graziela Dias Alperstedt, Juliane Borges Ferreira, Mauricio Custódio Serafim.
2014	Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no comércio de material de construção da cidade de Curitiba	Márcia Regina De Campos Strobino, Rivanda Meira Teixeira.
2014	Fatores motivacionais que levam o público feminino a aventurarem-se no mundo dos negócios	Neiva Feuser Capponi, Denis Dall Asta.
2015	Empreendedorismo Feminino: desafios Enfrentados por Empreendedoras na Gestão de Pequenos Negócios no Setor de Turismo	Lea Cristina Silva Bomfim, Rivanda Meira Teixeira.
2015	Empreendedorismo Social Feminino e Motivações para Criar Organizações Sociais: Estudo de Casos Múltiplos em Sergipe	Vitor Hugo da Silva Vaz, Rivanda Meira Teixeira, Maria Elena León Olave.
2015	Empreendedorismo e precarização do trabalho: o desenvolvimento e a aplicação de uma estrutura para análise de empreendedoras no estado de São Paulo	Luis Henrique Rigato Vasconcellos, Denise Poiani Delboni.
2016	A importância da experiência e do conhecimento prévio na identificação e exploração de oportunidades no contexto do empreendedorismo por mulheres: o caso da fábrica de unhas	Jaiane Aparecida Pereira, Joiceli dos Santos Fabrício.
2016	O Potencial Empreendedor e o Sucesso Empresarial: um Estudo Sobre Elementos de Convergência e Explicação	Gustavo Henrique Silva de Souza, Paulo da Cruz Freire dos Santos, Nilton Cesar Lima, Nicholas Joseph Tavares da Cruz, Alvaro Guillermo Rojas Lezana.



2016	Dimensões do Empoderamento Feminino: Autonomia ou Dependência?	Taize dos Santos Fernandes, Gisele Silveira Coelho Lopes, Melissa Watanabe, Cristina Keiko Yamaguchi, Christiane Kleinübing Godoi.
2016	Mulheres Empreendedoras: Razões e Dificuldades para Criação de Empresas	Hilka Pelizza Vier Machado, Sebastião Gazola, Joiceli dos Santos Fabrício, Miguel Eduardo Moreno Anez.
2016	Incidentes críticos envolvendo mulheres empreendedoras: O entrelaçamento de questões pessoais e profissionais	Vânia Maria Jorge Nassif, Tales Andreassi, Maria José Tonelli.
2016	Características do empreendedorismo feminino no Brasil	Mariana Santos da Silva, Emerson Wagner Mainardes, Sarah Venturim Lasso.
2016	Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens	Rivanda Meira Teixeira, Lea Cristina Silva Bomfim.
2016	Potencial Empreendedor de Empresárias do Setor Turístico de Florianópolis (SC)	Maria José Barbosa de Souza, Fernanda de Magalhães Trindade, Robson Freire, Franciane Reinert Lyra.
2016	Dimensões do Empoderamento Feminino: Autonomia ou Dependência?	Taize dos Santos Fernandes, Gisele Silveira Coelho Lopes, Melissa Watanabe, Cristina Keiko Yamaguchi, Christiane Kleinübing Godoi.
2016	Cognição e Afetividade nas Trajetórias Empreendedoras das Mulheres da Cidade do Natal – RN	Ana Eliza Galvão Cortez, Thaís Barbosa Ferreira, Cristiane de Melo Ferreira, Afrânio Galdino Araújo.
2017	Empreendedorismo Feminino no Brasil: Gênese e Formação de um Campo de Pesquisa	Fernando Antonio Prado Gimenez, Jane Mendes Ferreira, Simone Cristina Ramos.
2017	A Influência dos Aspectos Cognitivos e Afetivos de Mulheres Empreendedoras nas Diferentes Fases de Desenvolvimento de um Negócio	Ana Eliza Galvão Cortez, Afrânio Galdino de Araújo, Fernando Antonio de Melo Pereira.
2017	Organizações Femininas: Como Mulheres Gerenciam seus Negócios?	Almiralva Ferraz Gomes, Robson Amaral Santos, Priscila Lucia Oliveira Silva, Ananda Silveira Bacelar.
2018	Empreendedorismo Feminino: Perfil no Segmento da Beleza e da Estética	Amanda Suênya de Brito Silva, Jairo de Carvalho Guimarães.
2018	Empreendedorismo feminino: desafios e oportunidades no cenário turístico de Campo Grande, Mato Grosso do Sul	Marta Regina da Silva Melo, Djanires Lageano Neto de Jesus.
2018	Satisfação com o Trabalho e Dedicção ao Trabalho: Um Estudo com Empreendedoras no Interior Baiano	Almiralva Ferraz Gomes, Robson Amaral Santos, Joice de Souza Freitas Silva, Priscila Lucia Oliveira Silva, Ananda Silva Bacelar.
2018	Uso das Redes Sociais Empreendedoras por Mulheres no Processo de Criação de Agências de Viagens	Rivanda Meira Teixeira, Tales Andreassi, Lea Cristina Silva Bomfim.
2019	Características de Liderança das Mulheres Empreendedoras: Um Estudo de Caso no Setor de Serviços	Fernanda Versiani, Mariana Caeiro, Mariana Martins, Antonio Carvalho Neto.
2019	Empreendedorismo Feminino em Empresas de Turismo e Intenções de Crescimento dos Negócios	Lea Cristina Silva Bomfim, Rivanda Meira Teixeira, Ludmilla Meyer Montenegro.



2019	A Resiliência no Empreendedorismo Feminino	Pablo Marlon Medeiros da Silva, Walid Abbas El-Aouar, Arthur William Pereira da Silva, Ahiram Brunni Cartaxo de Castro, Juliana Carvalho de Sousa.
2019	Gênero e Empreendedorismo: Um Estudo Comparativo entre as Abordagens 'Causation e Effectuation'	Felipe Luiz Neves Bezerra de Melo, Rafael Rodrigues da Silva, Tatiane Nunes Viana de Almeida.
2019	Sustainability, Innovation, and Entrepreneurship: A Research with Administration and Secretariat Students	Luis Eduardo Brandão Paiva, Tereza Cristina Batista de Lima, Evangelina da Silva Sousa, Emiliano Sousa Pontes.
2020	Influência das ameaças de gênero e comportamento de superação na satisfação de empreendedoras	Vânia Maria Jorge Nassif, Marcos Hashimoto, Jefferson La Falce, Edmilson de Oliveira Lima, Cândido Borges.
2020	Verdadeiras Heroínas: Desvelando a Gestão Feminina de Empreendedoras de Startups	Luiz Guilherme Rodrigues Antunes, Arlete Aparecida de Abreu, Mayra Mendonça Rodrigues.
2020	Empreendedorismo feminino sob a perspectiva da estratégia como prática e teoria institucional	Flávia Oliveira Santos, José Ednilson Matos Júnior, Darlane Amorim Vieira, Eúde do Amor Cornélio, Felipe Borges de Santana.
2020	Estratégias de Atenuação do Conflito Trabalho-Família Utilizadas por Empreendedoras	Augusto César de Aquino Cabral, Ana Sílvia Rocha Ipiranga, Sandra Maria dos Santos, Tereza Cristina Batista de Lima, Emanuella Lustosa Bandeira.
2020	Educação Empreendedora: O que dizem os artigos mais relevantes? Proposição de uma revisão de literatura e panorama de pesquisa	Artur Tavares Vilas Boas Ribeiro, Guilherme Ary Płonski.
2020	Empreender ou Não? Fatores Condicionantes da Intenção Empreendedora	Déborah Luiza Marcon, Amélia Silveira, Jucélia Appio Frizon.
2021	Mulheres empreendedoras pretas no Rio: desafios da covid-19	Daniela Longobucco Teixeira Balog, Deborah Moraes Zouain, Ana Christina Celano Teixeira.
2021	Contribuições do Uso de Redes Sociais Virtuais para o Empreendedorismo Feminino	Darah de Mathias Fontana, Deyvison de Lima Oliveira, Elder Gomes Ramos, Ariadne dos Santos Massaro.
2021	Empreendedorismo feminino: um estudo na região portuária do Rio de Janeiro	Fátima Bayma de Oliveira, Daniela Martins Diniz, Anderson de Souza Sant'Anna, Antonio Moreira de Carvalho Neto, Carolina Maria Mota Santos.
2021	Gerenciando o Conflito Trabalho-Família no Empreendedorismo Feminino: Evidências de um Estudo com Microempreendedoras Individuais	Hávila Maria Abreu Barbosa, Manoel Pereira da Rocha Neto, Sueldo Lopes Câmara Júnior, Pablo Marlon Medeiros da Silva.
2021	As Mulheres Usam Melhor os Recursos do Microcrédito? Evidências para o Brasil	Dayane Rocha de Pauli.
2021	Características do Empreendedor Digital: Um Estudo Multicasos em Startups	Enise Aragão dos Santos, Ana Lúcia Vitale Torkomian.
2021	A Influência da Paixão Empreendedora e da Criatividade nas Intenções Empreendedoras	Bernardo Bignetti, Ana C. M. Z. Santos, Peter B. Hansen, Eder Henriqson.
2021	As dificuldades de percurso das mulheres empreendedoras	Larissa Lima Bandeira, Rafael Fernandes de Mesquita, Maria Kélvia Ferreira de Araújo, Fátima Regina Ney Matos.
2022	Ensaio Sobre a Relação de Confiança e Mentoria entre Contadoras e Empreendedoras	Marcia Athayde Moreira, Tales Andreassi.



2022	Empreendedorismo feminino: uma análise do sentimento em relação ao trabalho das mulheres empreendedoras	Daniela de Oliveira Nunes, Cida Sanches.
2022	Implementação e implicações da ação política de fortalecimento ao empreendedorismo feminino	Lady Day Pereira de Souza, Isabela Pimentel Azevedo da Silva, Lucas Almeida Costa.
2022	Desigualdade de gênero no turismo: a mulher no ambiente profissional no Brasil	Sarah Marroni Minasi, Verônica Feder Mayer, Glauber Eduardo de Oliveira Santos.
2022	Desenvolvimento de uma inovação de processo em um empreendimento informal de arranjos florais	Rafael de Almeida Martarello, Débora Ferro.